



ARTIGOS

A representação do(a) Professor(a) de Educação Física: imagens disponibilizadas nos *websites* das licenciaturas de universidades brasileiras

João Pedro Goes

Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil

Rosa Aparecida Pinheiro

Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil

RESUMO: O presente artigo busca apreciar as representações dos(as) professores(as) licenciados(as) em Educação Física nos sites das graduações mais bem pontuadas do Brasil a partir das avaliações do MEC. Para tanto, separou-se ao todo 7 universidades que oferecem o curso e analisou-se as imagens utilizadas em seus respectivos *websites* para retratar o(a) profissional do campo. A partir de um aporte teórico na perspectiva dos Estudos Culturais, foi inferido sobre a escassa representação do(a) professor(a) licenciado(a) em situação escolar, o que, defende-se, é um possível vetor de força que contribui para a fortificação de uma identidade cultural ginástico-esportivista e para a afirmação da vertente educacional como pouco prioritária no campo.

PALAVRAS-CHAVE: Formação inicial; representação; Educação Física.

The representation of the Physical Education Teacher: an analysis of images available by the pages of graduations in brazilian universities

SUMMARY: The present article seeks to know the representations of the physical education teachers in the sites of the highest scores in Brazil from the MEC evaluations. In order to do so, 7 universities that offered the course were separated, and the images used on their respective *websites* were analyzed to portray the professional of the field. Based on a discussion based on the perspective of Cultural Studies, it was theorized about the scarce representation of the licensed teacher in a school situation, which, it is argued, is a possible force vector that contributes to the fortification of a cultural gymnastic-sports identity and the affirmation of the educational aspect as a low priority in the field.

KEYWORDS: Initial training; representation; physical education.

La representación del (a) Profesor(a) de Educación Física: imágenes disponibilizadas en los sitios de las licenciaturas de universidades brasileñas

RESUMEN: El presente artículo busca conocer las representaciones de los(las) profesores (as) de Educación Física en los sitios de las graduaciones más bien puntuadas de Brasil a partir de las evaluaciones del MEC. Para eso, se separó en total 7 universidades que ofrecen el curso y se analizaron las imágenes utilizadas para retratar el(la) profesional del campo. A partir de una discusión basada en la perspectiva de los Estudios Culturales, fue teorizado sobre la escasa representación del(de la) profesor(a) licenciado(a) en situación escolar, lo que, defiende, es un posible vector de fuerza que contribuye a la fortificación de una identidad cultural gimnástica-deportiva y para la afirmación de la educación como poco prioritaria. Palabras-clave: Formación inicial; la representación; Educación Física.

PALABRAS CLAVE: Formación inicial; representación; Educación Física.

INTRODUÇÃO

Segundo Kellner (1995), é fato consumado que nossa sociedade contemporânea atribui à imagem um papel central dentro do processo comunicativo. Seja através dos aparelhos celulares, das televisões, dos *outdoors* – alguns em vídeo, interativos – e mesmo pela internet em suas inúmeras páginas de sites espalhadas pela rede virtual. A argumentação do autor é ainda mais enfática ao dizer que o discurso falado ou o texto escrito perderam considerável espaço para a utilização da imagem como meio de comunicação rápido, criativo e facilmente interpretável – características fundamentais daquilo que Bauman (2001) nomeou de sociedade líquida.

Nos dias atuais, com o desenvolvimento progressivo da internet e a imersão cada vez mais profunda naquilo que outrora foi convencionado, por Levy (1999), chamarmos de Cibercultura, a imagem ganha um destaque ainda mais evidente a partir da sua promoção nas redes *cibers* que estão amplamente presentes no nosso dia a dia. Se, anteriormente, as principais imagens a serem estudadas eram promulgadas através dos anúncios e das televisões, atualmente, propagandas não se concentram em locais específicos e essa predominância, apesar de ainda bastante popular, foi abalada.

Nesse contexto é possível enunciar que a seleção de imagens que compõem mensagens não possui qualquer tipo de neutralidade, de passividade em relação ao que pretendem transmitir ou na forma como são significadas por seus/suas espectadores(as) – o que nos exige uma interação mais aprofundada com essa temática visto sua abrangência.

E é por isso que para nós se torna importante o conceito de *artefato cultural*. Nas palavras de Silva (2017, p. 134) o *artefato* é “o resultado de um processo de construção social”. Em outros termos, entende-se por artefato todo objeto, corpo, escrita, fundamento que esteja imerso em um processo de produção significativa, que tenha delimitado o seu contexto de existência. O que propomos é isso: que possamos realizar uma análise dessas imagens considerando-as enquanto artefatos concebidos dentro de determinada cultura e que, por isso mesmo, deixam de ser apenas imagens que registram cenas caracterizadoras de algo ou alguém, para mergulharem em um processo contextual mais amplo que possui relação com seu espaço de concepção, e que ao mesmo tempo que é produzida, contribui para a produção cultural.

Devemos ter a clareza da sua não neutralidade ao passo que esses *artefatos* fazem circular significados específicos, transformando sua temática de estudo em tema central quando convertem-se em potentes articuladores de *representação*, produzindo *identidades culturais* desejáveis e *diferenças*, em geral, com pouco espaço na ordem do discurso.

Conforme aponta Hall (2016), a representação, nos Estudos Culturais, não trata da aproximação do verdadeiro, do ideal, mas, ao contrário, trata-se do discurso que influi justamente na materialidade para produzir algo, relacionando-se diretamente com o conceito de identidade cultural na medida em que, através do poder-saber, produzem características, estilos e práticas fundamentais para determinados grupos, criando realidades sobre determinado tema.

Ao passo em que se excluem as diferenças, deixa-se de representar outros modos de ser e fazer, o que torna esse um debate profundamente político. Por isso, é político também o debate sobre a identidade cultural do(a) professor(a) licenciado(a) de Educação Física que, de uma forma ou de outra, será atingida em cheio na sua constituição, fazendo com que tenhamos diferentes percepções sobre o que é “ser professor(a)” do componente.

Neira e Nunes (2009) e Lopes e Vieira (2018) despendem de grande empenho em mostrar que a cultura – enquanto arena de disputa social por espaço de significação (SILVA, 2017) – fez-se presente na regulação da Educação Física através dos seus momentos históricos, estando seus currículos profundamente alinhados com a política de cada período crônico. A identidade cultural que antes esteve ancorada, principalmente, nos princípios esportivos e ginásticos, hoje, sofre pressão por parte das teorizações contemporâneas do componente – dentre elas, aquelas apoiadas no estudo da cultura – que também disputam espaço com renovações do discurso esportivista e da saúde no âmbito escolar e formativo. No entanto, é preciso admitir que essa dita pressão ainda não corresponde à um contramovimento capaz de abalar os alicerces mais tradicionais do campo, ocupando espaços e estando em posições de menos prestígio em relação aos discursos hegemônicos da área – percepção essa que será corroborada com o desfecho desse estudo.

É então a partir dessa articulação entre o estudo crítico das imagens; do potencial analítico da leitura dos artefatos culturais; da representação enquanto dispositivo produtor de identidade e de diferença; e do poder regulatório da cultura nessa interação (HALL, 1998) que instituímos o problema central desta pesquisa: como as imagens dos websites das graduações do curso de licenciatura em Educação Física representam seus/suas professores(as)? Para tanto, analisamos as imagens utilizadas por 07 universidades conceituadas com nota 05 do CPC1/2017, nas páginas digitais que promovem as informações sobre o curso. Estivemos também apoiados no método do alfabetismo crítico, articulado por Kellner (1995), para uma leitura aprofundada tanto da forma das imagens quanto do conteúdo que se comunica. Iniciemos, então, com uma articulação entre os conceitos de representação, identidade cultural do(a) professor de Educação Física e da diferença.

REPRESENTAÇÃO, IDENTIDADE E *SER* PROFESSOR(A)

Hall (2016) concebe a representação como parte integrante do nosso sistema cultural. Defende que, sem a capacidade de representar, nossa comunicação seria afetada de forma drástica, impossibilitando o compartilhamento dos significados que são produzidos – que, em primeira instância, tratam-se justamente da(s) nossa(s) cultura(s) (HALL, 1998). Como aponta o autor:

Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos (HALL, 2016, p. 31).

Mas é fundamental que fique claro: o autor se afasta em larga escala de uma concepção “mentalista” de representação, ou seja, de uma representação imbuída à consciência profunda de um suposto sujeito que tem ciência sobre algo, ou que representa, nessa mesma consciência, algo que se aproxime do real, daquilo que é o objeto ideal. Para Hall (2016), como expomos na citação, representar trata de produzir significado para algo, instituir função, característica. Nessa concepção, nenhum significado existente é anterior à linguagem, logo, é a partir de um processo dentro das relações discursivas, de sentido, e de poder, que podemos representar aquilo que virá a ser. Em outras palavras, é por isso que os Estudos Culturais, nessa perspectiva, afasta-se da concepção de representação como proximidade ao ideal: não havendo ideal anterior à linguagem, é ela própria quem atribui significado – e a representação é parte fundamental nesse processo.

Por isso é defendido que a representação ocupa um espaço central na dinâmica comunicativa, sem ela sentidos não são fixados, o que impede a conciliação da funcionalidade de cada objeto. Sem a representação e

as significações que são produzidas, a desordem poderia se tornar generalizada, não haveria comunicação ou entendimento. No entanto, enquanto um componente do circuito cultural, precisamos reconhecer que a sua ação está profundamente mediada pelas relações de poder e isso precisa nos levar a uma análise um pouco mais cuidadosa sobre o tema. Fica claro que a partir do discurso e da atuação do poder podemos criar representações sobre objetos, grupos, nacionalidades, que muitas vezes padecem de atribuições desprivilegiadas dentro do nosso sistema cultural.

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? Quem eu poderia ser? Quem eu quero ser? (WOODWARD, 2014, p. 18)

Levando em consideração essas explanações, precisamos que fique claro: quando problematizamos as relações de representação não estamos questionando o conceito em si de representação, mas, na verdade, aprofundando as possíveis articulações entre cultura e poder – que é objetivo central de um trabalho inspirado nos Estudos Culturais (HALL; MELLINO, 2011).

A disposição em trabalhar essa temática é fundamental na medida em que estamos convencidos da dependência existente entre a representação e a identidade cultural – conceitos que não podem, em instância alguma, serem separados (HALL, 2016).

Atentos, em primeiro lugar, nesta pesquisa, claro, ao papel da representação, e a sua veiculação através dos artefatos culturais produzidos nos contextos específicos delimitados neste estudo, acreditamos que uma breve explanação sobre o conceito de identidade se faz necessário porque é chave para a discussão de um outro que se liga a todo esse processo: a diferença – explorada mais adiante. Nessa rápida explanação, algo exposto por Hall (2014) é indispensável de ser colocado:

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”; nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades, são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (p. 111-112).

Sua percepção baseia-se em duas frentes: uma ligada diretamente ao discurso circulante que produz lugares interpeladores particulares que nos convocam para que assumamos posições como seus sujeitos; e, em via diferente, a frente que recorrerá a outros campos de estudo (principalmente relacionados à psicanálise), ligado ao papel da subjetividade nesse nó – entendido e proposto também como “processos de identificação” (HALL, 2014), focalizadas no entendimento do porquê nos identificamos com determinada interpelação – em outras palavras, por que assumimos, escolhemos, e/ou permanecemos em um discurso particular e não outro. Nesta pesquisa, nos interessará substancialmente o primeiro debate proposto sobre a identidade: discursos que produzem locais específicos aos quais os sujeitos podem ou não fazer parte. É por isso que ao longo do texto estamos insistindo no conceito de *identidade cultural*, pois parece explicitar melhor nosso objeto de estudo – enquanto *identificação*, ao nosso ver, faz melhor relação com os processos subjetivos.

Poderíamos, então, questionar: por que abrir espaço para o debate da identidade cultural quando tratamos, primeiramente, da representação? Quais as relações com os *artefatos culturais*? Ora, o grande problema da identidade, que é representada, e por isso criada, através dos meios mais heterogêneos (como imagens que circulam nos *websites*, por exemplo), é também a produção social da *diferença*. Como vemos, a identidade cultural cria pontos de identificação, posições de sujeito; ao mesmo tempo em que produz o que está fora, o que “não é posição de sujeito” de determinada cultura, tornando-se a partir dessa interpretação, sempre histórica e contextual (WOODWARD, 2014). Marcada pela diferença, a identidade é sempre uma relação de exclusão já que para “ser” ou “participar” de determinado significado, é preciso “não ser” ou “não participar” de outro – proposição apoiada na linguística que tem em Jacques Derrida seu grande articulador (SILVA, 2014).

E não só, Woodward (2014) segue o argumento de que pensar nesses termos é admitir que nessa interação entre identidade e diferença um dos opostos terá menos prestígio – e é justamente o que torna “aquele(a) que não participa” de determinado sistema simbólico cultural *O outro*. Esse é sempre o estrangeiro, o forasteiro, o fora da lei, àquele(a) que não se deve confiar pois não compartilha dos nossos mesmos significados. Discursivamente, *O outro* é representado como alheio à identidade e, até mesmo, nocivo a essa: “[...] um dos elementos da dicotomia é sempre mais valorizado ou forte do que o outro. Assim, Derrida argumenta que a relação entre os dois termos de uma oposição binária envolve um desequilíbrio necessário de poder entre eles” (p. 51)

Fundamentados nessa articulação voltamos nosso olhar para a construção da identidade cultural do(a) professor(a) de Educação Física. Se a identidade é um processo que tem em sua base a representação cultural e discursiva de cada contexto particular, ela pode, certamente, ser entendida como uma construção relativa à tempo e espaço – passível de ser questionada e desconstruída na medida em que as relações de poder sejam interpretadas por nós enquanto desiguais.

Sem dúvida, como citado, a representação e a construção da identidade podem advir das mais variadas frentes. Hall (2006), por exemplo, ao analisar a construção da identidade cultural nacional, nos dá a indicação de pelo menos cinco bases para a sua efetiva produção: a narrativa da nação; a ênfase nas origens, na continuidade e na tradição e na intemporalidade; invenção da tradição; mito fundacional; e, por fim, o simbolismo de um povo ou *folk* original. Queremos dizer com isso que as estratégias representacionais que fundamentam a produção da identidade não estão fixadas em pontos óbvios, mas podem advir de territórios variados: a história; o currículo; o cinema; as leis; cada qual com suas articulações estratégicas específicas.

Neste trabalho, optamos por uma análise iconográfica das imagens veiculadas nas páginas dos websites de Universidades que oferecem a graduação de licenciatura em Educação Física. Estamos convencidos de que estas podem ser/são fontes de representação e contribuem para a construção da identidade cultural desse(a) professor(a), ao passo que produz a diferença dessa relação. Examinando as imagens enquanto *artefatos culturais* – ou seja, não apenas registros de um momento de aparente neutralidade, mas textos que fazem circular os mais diversos significados e que permitem significações não aleatórias – empregamos o método da *alfabetização crítica* no sentido de fazer uma leitura mais aprofundada das *identidades culturais* e *diferenças* que essas imagens podem produzir e veicular.

METODOLOGIA: ALFABETIZAÇÃO CRÍTICA – UMA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS.

Como defendido anteriormente, a sociedade contemporânea possui uma forte característica imagética. Kellner (1995) propõe-nos que muitas dessas imagens que circulam são passíveis de interpretações mais complexas já que não se lançam signos descompromissados, mas de intrínseca relação política e cultural com o espaço em que são produzidos. Argumenta o autor em relação àquilo que chama de *pedagogia crítica da imagem*:

Longe de serem simplesmente exemplares planos e unidimensionais da cultura imagética contemporânea, argumentarei que os anúncios são textos culturais multidimensionais, com uma riqueza de sentidos que exige um processo sofisticado de decodificação e interpretação (KELLNER, 1995, p. 112).

Tratando-se, então, de *artefatos culturais*, as imagens veiculadas em contextos específicos são passíveis de uma análise profundamente política porque sua forma e conteúdo produzem representações que balizam (e/ou prosseguem com) identidades e diferenças. Essa relação muito nos interessa, afinal, é preciso que conheçamos os vetores de força em vantagem nessas arenas de disputa pela significação. Nesse digladiar a diferença não é produzida a partir do mero acaso, mas é alicerçada através do poder da regulação cultural em um contexto maior – em outras palavras, quando se representa a profissão com determinadas imagens específicas, provavelmente é porque os(as) profissionais são assim imaginados pelo curso, pela sociedade, pelo mercado, pela cultura em geral. Relações multilaterais que desembocam em recortes intencionais, imagens carregadas da possibilidade de leituras críticas.

Por outro lado, defendemos que uma *pedagogia crítica* das imagens pode nos ajudar a construir resistência aos significados propostos e que, porventura, possam representar, de forma opressora, a identidade tida como desejada, deixando de lado e excluindo aqueles(as) que não se identificam ou que são taxados como a diferença. Mostrando o aspecto de produção cultural desses conceitos, podemos, então, caminhar para uma política social mais democrática, onde a regulação cultural não opere a partir de exclusões explícitas, liberando o espaço para outras formas de ser, fazer e pensar.

ANALISANDO AS IMAGENS: QUEM É O(A) PROFESSOR(A) LICENCIADO?

A pesquisa se deu, como colocado anteriormente, a partir do website de cada universidade que possui a nota do CPC, referente a 2017, igual a 05, conforme consulta a plataforma digital do MEC/INEP. Inicialmente, em poder da tabela quantitativa, selecionamos todas as Universidades que possuíam a nota de destaque para uma análise posterior. Foram selecionadas ao todo 09 instituições; porém, dessas, uma não possuía imagem alguma na página do seu *website*, e outra se utilizava de vídeo explicativo, fazendo igualar a 07 o nosso número final. Dentre essas universidades estudadas, seguem suas categorias e enquadramentos a partir da divisão proposta pela tabulação analisada: centro universitário, privada com fins lucrativos (1); universidade, privada sem fins lucrativos (2); universidade, pública federal (2); universidade, com fins lucrativos (2).

Pode-se perceber nesse primeiro momento que a mescla entre instituições de ensino superior público e privado é bastante equivalente, o que fará com que nossa argumentação não trate exclusivamente de um sistema ou de outro, mas, ao contrário, possa abordar os dois e demonstre certa equidade nessa relação. Foram visitados *site a site* e nosso critério, como apontado, era a utilização única e exclusiva das imagens disponíveis, normalmente localizadas na parte superior da página junto com o logo/emblema da universidade. Os *websites* que possuíam vídeos promocionais foram desconsiderados das análises, pois, entendemos, necessitariam de um olhar bastante diferenciado e que extrapolaria a proposição desta pesquisa.

O primeiro ponto a ser discutido a partir já das imagens sobre a representação do(a) professor(a) licenciado(a) é, ao nosso ver, bastante questionável: nenhuma das universidades utiliza imagens de professores(as) em contexto escolar. Apenas uma das instituições foca dois professores (um homem e uma mulher) em trabalho com uma criança, em algo que seria uma quadra, porém, totalmente equipada para o desenvolvimento de atividades de ginástica artística, pois podemos ver ao fundo colchões e trampolins. Pela disposição e seleção de materiais, tudo nos faz crer que não se trata de uma aula de Educação Física escolar, já que muito raramente

encontra-se qualquer instituição que disponha desses artigos tão específicos. À esquerda, nessa mesma imagem, podem ainda ser encontradas duas bolas de futebol e, mais ao fundo, com a imagem desfocada, estruturas do que parecem aparelhos de musculação. Em outras palavras, tendências do *mundo fitness e esportivo* aglutinadas em um só registro, fortalecendo a identidade do(a) professor(a) enquanto alguém comprometido com a saúde e o desenvolvimento esportivista de seus/suas alunos(as) – formas de Educação Física, em sua maioria, acrílicas (NEIRA; NUNES, 2009). A regulação da identidade do(a) licenciado(a) parece caminhar sempre por essa via, o significado vencedor é, normalmente, o do esporte e da saúde.

No entanto, se levássemos em consideração o argumento de que essa seja a única imagem que encontramos de professores(as) em contexto escolar, seria fácil afirmar que sua representação se dá de forma totalmente “romantizada”, como alguém que adentra ao campo e encontra uma grande variedade de materiais de trabalho; classes sem um extenso número de alunos(as), ao ponto dos(as) dois/duas professores(as) conferirem atenção total a apenas um(a); desconsiderando as dificuldades de ser professor(a) tanto em escolas públicas quanto particulares, favorecendo o choque e o desânimo daqueles(as) que, ingressantes na vida docente, deparam-se com uma realidade totalmente outra: “precárias condições econômicas das escolas e dos alunos, classes superlotadas, taxas significativas de evasão e repetência, conteúdos inadequados, condições de trabalho aviltantes, etc.” (CANDAUI, 2002, p. 21). A identidade que se visaria produzir do(a) professor(a) e da escola como um todo é, na verdade, ilusória.

Por outro lado, corroborando ainda mais claramente com os argumentos lançados, as outras 06 imagens correspondem à professores(as) em momentos específicos: em academias; em salas de ginástica/dança *fitness*; em corridas de rua (ou na praia); praticantes de treinamento de força carregando pesos em posições ginásticas; e, até mesmo, pessoas em *spinningbike*. Ora, isso demonstra nada menos do que a desvalorização do(a) profissional atuante no contexto escolar que, não por acaso, é o(a) Outro(a) nessa relação com a identidade. Não ser representado nas imagens das universidades é parte do contexto sociocultural e curricular hegemônico que entende a profissão enquanto ramificação do trabalho esportivo, do movimento e da saúde: essas sim, atividades características do componente – mostrando-se inexistente o esforço de representar a cultura corporal na escola, conteúdo atual de trabalho da Educação Física na educação (NEIRA; NUNES, 2006).

Nunes e Neira (2018), em relação à identidade desejada do(a) egresso(a) de Educação Física e sobre sua estreita relação com os princípios do mercado atual, apoiam-se em Giroux (2006) para falar sobre a *cultura empresarial* que, na disputa por significação, ganha, claramente, o poder de representar e de dizer quem é o(a) professor(a) de Educação Física:

A cultura empresarial que se instaurou no Ensino Superior (ES) exerce um tipo de regulação explícito sobre o ethos das IES, produzindo significados e efeitos diversos que governam as práticas e as condutas sociais em seu interior e, por conseguinte, favorecem a hegemonia da racionalidade neoliberal (NUNES; NEIRA, 2018, p. 3).

Percebemos claramente uma tendência à representar o(a) professor(a) em momentos esportivos, rodeados de “signos saudáveis” e em contextos que estimulam o exercício físico. A relação que propomos é justamente a da ascensão do *culto ao corpo* em detrimento da *cultura corporal*². Enquanto a expansão do campo

2 O jogo de palavras se dá na intenção de frisar a diferença entre os conceitos de cultura: etimologicamente, a palavra “cultura” está associada a cultivar e desenvolver – logo, tinha-se uma cultura de algo no intento de seu desenvolvimento (CUCHE, 1999). Nesse sentido, o *culto ao corpo* faz referência a um trabalho de cultivo específico que conduza ao seu melhoramento (seja para o aprimoramento motor, das capacidades musculares, competitivas, dentre outros). Diferentemente, o conceito de *cultura corporal* (NEIRA; NUNES, 2006) traz à tona a percepção do corpo como algo que comporta sentidos, que é constituído dentro de um sistema linguístico, construído socialmente, imerso e não desatrelado das instituições culturais e,

da ciência esportiva tem crescido consideravelmente - e aí as suas renovações merecem destaque: novos movimentos ginásticos; de treinamento; a espetacularização do esporte – a licenciatura na Educação Física tem perdido cada vez mais destaque e é constantemente alvo de dubiedade pelos órgãos governamentais³. A partir da análise cultural de um sistema social maior fica bastante evidente porque, mesmo se em tese relacionadas à educação, as imagens tendem a priorizar a ligação do(a) professor(a) com o esporte, saúde, desenvolvimento motor, mercado *fitness* – convocações para posições de sujeito (HALL, 2014) específicas, de discursos restritos. A interpelação pela identidade dá-se, sempre, no entrecruzamento entre contexto cultural, societário e a disposição de suas organizações (WOODWARD, 2014).

Uma constatação bastante interessante também chama-nos a atenção para “quem” e “como” é representado: pessoas alegres, em boa forma e de roupas padronizadas – seguindo o estilo de vestimenta de cada foto. Uma das imagens em específico foca uma mulher, ruiva, no centro, segurando um colchonete com o braço direito, e uma garrafa d’água na mão esquerda, usando uma camiseta rosa. Ao fundo, encontram-se quatro mulheres, morenas e loiras, vestidas também de rosa, segurando steps e bolas de pilates. Ao que tudo indica nossa história ainda nos relega heranças da regulação cultural ginástico-esportivistas muito fortes – implicando também em questões de raça e gênero.

Chegada no Brasil através dos militares (CASTELLANI FILHO, 1998), ganha destaque na área a funcionalidade primeira do componente: o trabalho para o desenvolvimento de qualidades específicas relacionadas à obediência, desenvolvimento de habilidades ginásticas, higiênicas, saudáveis e patrióticas. A ginástica e o esporte cumprem função primordial nesse projeto de sociedade (NEIRA; NUNES, 2009) que visava determinados aspectos do comportamento valendo-se da argumentação de um desenvolvimento pessoal e nacional. A Educação Física, como vemos nessa pesquisa, parece ainda ter dificuldades de se desligar dessas raízes em nome de um trabalho criticamente orientado, já que anunciam de forma explícita quais corpos trabalham na área, assim como sugerem os estilos de suas vestimentas. Isso é bastante sério pois trata-se da visita aos sites das mais bem-conceituadas universidades do campo – quem dirá o sentimento da sociedade em geral ou daquele(a) que busca saber sobre o curso pela primeira vez. Apesar das fortes investidas de novas formas de se pensar uma Educação Física culturalmente orientada, o que vemos é que sua grande hegemonia provém da história e do mercado atual, considerando pouco espaço para a representação da educação nos próprios cursos de licenciatura.

principalmente, é identificado como um produtor de significados, ou seja, é também produtor de cultura. Assim, os conteúdos da Educação Física escolar (esporte, ginástica, jogos, brincadeiras e atividades rítmicas e expressivas) são vistos e estudados sob a ótica da construção social, entendidos como *artefatos culturais*, produzidos para/pelo/no corpo. Com isso, não se cultiva o que de melhor foi produzido, mas, ao contrário, busca-se historicizar os artefatos e produzir relações outras com os mesmos.

3 Citamos como exemplo a reforma do ensino médio proposta no ano de 2017 que tencionava flexibilizar a obrigatoriedade da Educação Física escolar, tornando-a opcional.

CONSIDERAÇÕES

Pudemos perceber como a regulação cultural atua fortemente na representação e na produção identitária do(a) profissional de Educação Física, considerando tendências históricas e de mercado, onde até mesmo tipos físicos e roupas específicas são recorrentemente trazidas à tona em aparentes imagens descontraídas de páginas da internet. Uma leitura criticamente orientada dessas fotografias nos mostra rapidamente que o(a) professor licenciado não é representado em sua articulação específica com o componente – a cultura corporal –, nem tampouco a escola como território da atuação docente, mas, ao contrário, é sempre identificado a partir do mundo *fitness* e suas tendências; do esporte; e do desenvolvimento motor, atendendo ao discurso mercadológico do qual o ensino superior compactua ao ceder às investidas da *cultura empresarial* – mesmo as universidades públicas ou sem fins lucrativos –, assim como aos investimentos de discursos que situam o campo da Educação Física em espaços restritos (comumente acrílicos) de atuação.

Como vimos, essas identidades não são necessariamente novas, mas adquirem contornos atuais através de movimentos que renovam seus significados. A importância de novos posicionamentos teóricos se dá justamente no questionamento dessas significações cristalizadas para construir espaços que liberem novas maneiras de fazer e de ser dentro do campo da Educação Física. Movimentos de resistência e de novas proposições acadêmicas podem ser identificados em larga escala, mas, parece fato que o caminho até a desnaturalização das identidades constatadas nessa pesquisa ainda é longo. No entanto, uma coisa é certa: se essas são produções sociais, culturais e linguísticas, são então totalmente passíveis de problematização e desconstrução. Não se trata, portanto, da exclusão de uma produção em detrimento de outra, mas, a partir dessa aferição, procurar construir um campo com relações de poder menos desiguais, que não exclua a diferença de maneira tão contundente, ou que não opte pela representação identitária de apenas alguns grupos específicos. Diríamos que o fio condutor que permeia o objeto deste estudo reside aí: a produção de novas formas de existência no campo, a circulação de novos discursos e a luta por novos modos de representar. Abandonemos a lógica do uno, pensemos a partir da multiplicidade (GROSSBERG, 2015).

É preciso que estejamos dispostos a problematizar essa relação, pois, como dito anteriormente, a produção da identidade é contextual, profundamente cultural e política, nunca aleatória. A representação fundamenta-se nos discursos, e os discursos produzem aquilo que falam (FOUCAULT, 2008) – em última instância, não representar é também não existir.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRACHT, V. *A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física*. In: UNICAMP. *Corpo e educação*. Campinas, SP: Unicamp, ano XIX, nº 48, ago. 1999. Cadernos Cedes

CANAU, V. M. *A didática e a formação de educadores*. Da Exaltação à negação: a busca da relevância. In: CANAU, V. M. (Org.) *A didática em questão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CASTELLANI FILHO, L. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

COSTA, M. V. *Ensinando a dividir o mundo; as perversas lições de um programa de televisão*. *Revista brasileira de educação*, nº 20, Maio/Jun/Jul/Ago 2002.

CUCHÊ, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Baurú: EDUSC, 1999.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008.

GIROUX, H. *Atos impuros: a prática política dos estudos culturais*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GROSSBERG, L. *Lutando com os anjos: os Estudos Culturais em tempos sombrios*. *Matrizes*, São Paulo, v. 9, nº 2, jul./dez. 2015.

HALL, S. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, nº 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HALL, S. *A identidade cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALL, S.; MELLINO, M. *La cultura y el poder: conversaciones sobre losculturalstudies*. 1ª ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2011.

HALL, S. *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, T. T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

KELLNER, D. *Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna*. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1995.

LEVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES, J. P. G.; GURGEL, R. *Cultura e Educação Física: uma relação com os Estudos Culturais*. 1. ed. BeauBassin: Novas Edições Acadêmicas, 2018.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. *Educação Física, currículo e cultura*. São Paulo: Phorte, 2009

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. *Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas*. São Paulo: Phorte, 2006.

NUNES, M. L.; NEIRA, M G. Eu S/A: a identidade desejada na formação inicial em Educação Física. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 44, 2018

SILVA, T.T. A produção social da identidade e diferença. In: SILVA, T. T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, T.T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOES, J. P.; PINHEIRO, R. A.

A representação do(a) Professor(a) de Educação Física: imagens disponibilizadas nos *websites* das licenciaturas de universidades brasileiras

Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores

Vol. 11, nº. 21 (p. 137-148) 30 ago. 2019